

Cultura e contracultura globalização

Nelly Aleotti Maia

.....



Todos nós, ao nascer, estamos inseridos em um contexto cultural, isto é, em um conjunto de hábitos, atitudes, objetos, formas de comunicação, que nos torna, basicamente, o que somos. Em outras palavras: é a cultura que nos humaniza. Exemplo desse fato é a existência ocasional de *homo ferus*, seres que, afastados da cultura por circunstâncias as mais diversas, conservaram, de humano, apenas a estrutura biológica.

Essa constatação nos permite afirmar que nossa herança biológica é trabalhada pelo meio cultural que forma, por sua vez, um limite à educação. Isso quer dizer que nossa herança biológica permite que aproveitemos o que o grupo nos oferece. Exemplifiquemos: alguém com o potencial genético de Mozart, nascendo entre os esquimós, não poderia, jamais, ter composto suas sonatas. Ele aproveitaria ao máximo as oportunidades que o grupo oferecesse, mas a própria cultura o limitaria. Assim, quando o sociólogo francês Durkheim conceituava a educação como um processo de transmissão da cultura em cada geração, acrescentando que tal permitia que a cultura se conservasse e renovasse, estava ilustrando claramente esse fenômeno. Na medida em que uma geração passa adiante a cultura, conserva-a, e os integrantes da geração que a recebe, pela criatividade intelectual, a renovam.

O acervo cultural de cada sociedade forma o que se chama, em Sociologia, de herança social. Realmente, é

um patrimônio que é passado de pessoa a pessoa e de geração em geração.

Qual o conteúdo dessa cultura ou herança? Integram-na fatos econômicos (sobrevivência individual e grupal), domésticos (estruturação da família), políticos (estruturação da chefia), religiosos (conjunto organizado de crenças), entre outros. De um modo simples, diríamos que cultura é tudo aquilo que um grupo social sabe, faz, possui, produz e acredita.

Nesse processo de nos transformar de indivíduo em *socius*, podemos distinguir alguns aspectos importantes.

Funções da cultura

A cultura, quando passada de indivíduo para indivíduo e de geração a geração, visa ao ajustamento e à formação da personalidade. Dá as normas de convivência e oferece a base para a criação e/ou inovação. Nesse processo, a cultura tem uma função tríplice: formar, in-

formar e reformar. Essas três faces da cultura caracterizam, também, a educação do ponto de vista social e se interpenetram e complementam.

A formação é feita pelos vários processos interativos dos quais a informação, pela comunicação, é parte importante, seja ela explícita, pela linguagem, ou tácita, pelo exemplo. Veiculam-se hábitos, atitudes, formas de comunicação, crenças e, principalmente, valores. Portanto, formação e informação caminham juntas na nossa socialização.

Quanto ao reformar, essa ação é primordialmente corretiva, cabendo à educação e às pressões sociais a tarefa mais significativa. Mobilizam-se, ainda, o conformismo e o não conformismo individual, tendo, como consequências, o ajustamento, no primeiro caso, e o desajustamento, no segundo.

É simples, então, concluir-se que o contato com outras culturas ou a transposição de elementos culturais provoque nas pessoas reações as mais variadas, principalmente em uma época em que a característica cultural dominante é a globalização.

Vários autores têm-se dedicado a esse estudo, principalmente em nossos dias, em que os movimentos migratórios devidos a fatores econômicos, políticos e religiosos acentuaram a interpenetração cultural. A constatação do fenômeno, porém, não é nova.

No século XIX, o francês Alexis de Tocqueville, visitando os Estados Unidos, permitiu-se a seguinte observação: *Quando eu vejo essa incontável multidão de seres, feitos à semelhança uns dos outros (...) a visão de tal uniformidade me entristece e enregela e me sinto tentado a lamentar o estado da sociedade que deixou de existir.*¹

É evidentemente a visão de um europeu sobre quem a partilha de bens materiais e valores, que, na prática, atingia a sociedade norte-americana no século XIX, exerceu impacto significativo.

Outros autores como Baudrillard, por exemplo (francês como De Tocqueville, porém, nosso contemporâneo), compreendem a cultura globalizada como uma extensão dos meios de comunicação de massa que expandem e alcançam outras culturas. Nesse sentido, a realidade

de é uma hiper-realidade, tornando os Estados Unidos uma gigantesca Disneylândia construída pela tecnologia.

Outros autores, ainda, como Frederic Jameson e Stuart Hall, vêem a globalização como uma superestrutura de ideologias políticas e econômicas. Os países menos desenvolvidos tendem a imitar os mais desenvolvidos, o que gera uma série de reações conflitantes.

Vale a pena, ainda, considerar, para uma discussão de cultura e contracultura afetando a educação, as opiniões de Molnar e de Ellul.

*A conquista das pessoas através de desejos e aspirações, isto é, através da “massificação” do self (o que quer que seja isso) promove a organização de um comportamento integrado, imposto e manipulado pelas necessidades do sistema.*²

Ellul acrescenta, para caracterizar uma “sociedade tecnológica”, que *as sociedades antigas costumavam adotar o caráter dos homens que as compunham (...)* Isso não é mais verdadeiro. O processo de massificação ocorre, não porque o homem é, por natureza, um “ser de massa”. O homem se torna “massa” devido à estrutura que lhe é imposta, porque é incapaz de suportar, por muito tempo, uma situação de desacordo com seu meio social.³

A disseminação de informações, de novos padrões de comportamento, a rapidez e a intensidade das mudanças podem desencadear reações diversas. Por um lado, poderia haver atitudes de identificação com os novos padrões; por outro, atitudes de resistência.

Alguns autores chamariam de “racismo cultural” ou, no caso da súbita assimilação, choque de gerações ou de subgrupos.

Nesse momento de nossa reflexão, deveríamos examinar, ainda que sucintamente, o conceito de contracultura, que alguns autores chamam, até, de *cultura anti-homem*.

Contracultura

O termo *contracultura* passou a ser divulgado na década de 1970, principalmente nos Estados Unidos. Inicialmente designava uma cultura basicamente antiinstitucional, tendo, mais tarde, adquirido um sentido pejo-

rativo. Seus principais representantes foram Vonnegut, Tesconi e Van Cleeve.

Na educação, principal área afetada, foram seus próceres Ivan Illich, com seu livro *Educação sem Escolas*, e Everett Reimer, com *A Escola está Morta*. Convém, também, mencionar Bernard Charlot, com sua interessante obra *A Mistificação Pedagógica*. Defendem esses autores a idéia de que a escola é, por si só, obsoleta e continuísta, sendo o meio cultural muito mais rico de experiências valiosas. A escola na sociedade passa a ser um ícone, mera formalizadora de informações de validade duvidosa. A postura iconoclasta desses autores, por vezes acompanhada de sugestões interessantes,⁴ abre, no entanto, uma porta ao perigo da contracultura no sentido destrutivo.

Na verdade, o que hoje se entende por contracultura é uma inversão ou subversão de formas e de valores culturais. A questão adquire tal grau de complexidade, mormente se quisermos discutir os reflexos na educação, que convém observar a cultura sob uma ótica mais aprofundada.

Aspectos formal e não-formal na cultura e na educação

A transmissão da cultura se dá de duas maneiras básicas: a formal, institucionalizada ou sistemática, e a não-formal, diluída no meio social, assistemática. No que tange à educação, ela se formaliza pela escola, além de outras instituições como o Estado (pelo seu sistema jurídico e pelo poder de coerção), pela família (responsabilidades), pela Igreja (crenças, sanções éticas). Há, nessas instituições uma intencionalidade, uma diretividade do processo.

Por outro lado, há uma transmissão da cultura e da educação pelos processos interativos (contatos, imitação etc.) e que, apesar de seu caráter não-formal, não é menos importante. Pelo contrário, alguns aspectos (informações, hábitos, atitudes) tornam-se mais significativos ou marcantes do que os veiculados pela escola.

Como se explica esse fenômeno? Será a escola inoperante ou icônica como querem os iconoclastas? Exa-

minando o problema, defrontamo-nos com a questão dos meios. Enquanto a educação institucionalizada (escola) se serve de meios tradicionais, como transmissão oral e escrita (agora praticamente substituída por meios magnéticos), portanto, mais lentos em seus efeitos e, até certo ponto, uniformizadores; a transmissão não-formal se apresenta como mais dinâmica, servindo-se principalmente, dos meios de comunicação de massa.

Tal não é novidade. Em 1839, Henry Barnard, proprietário de uma cadeia de jornais em Nova York, emitia a curiosa opinião de que *os livros tiveram seu dia, as igrejas tiveram seu dia. Hoje, um jornal pode mandar mais almas ao Céu ou ao Inferno do que todas as capelas de Nova York juntas*.

Em nossos dias, McLuhan, que gozou de grande popularidade nos decênios de 1970 e 1990, celebrou a expressão “o meio é a mensagem”, ressaltando, entre outras coisas, que o impacto da tecnologia da comunicação é, hoje, tão significativo que os meios de comunicação se identificam com o conteúdo das mensagens.

O curioso desse fenômeno é que o veiculado pelos MCM (meios de comunicação de massa) adquire, pelo impacto, maior credibilidade e poder de convencimento ou, até mesmo, de conversão do que o transmitido pelos meios tradicionais. Resultam, daí, algumas constatações da maior importância: ao mesmo tempo em que se verifica o alcance e a profundidade desse tipo de comunicação, pode-se verificar, também, seu potencial, muitas vezes ignorado.

Verifica-se, outrossim, a possibilidade de penetração da contracultura que adquire, através desses meios, um poder muito intenso. Conseqüentemente, intencionalmente ou não, o esfacelamento da cultura pode acontecer.

Tomemos como exemplo o uso de linguagem chula ou incorreta em rádio e televisão (MCM que atingem, também, os analfabetos ou semi-alfabetizados). O emprego incorreto de variações pronominais no início da frase, a troca de tratamentos, emprego inadequado de termos multiplicam-se na audiência diária. Acrescente-se a questão das traduções. A remuneração de tradutores

qualificados é cara. Em decorrência de tal fato, recorre-se, nas traduções legendadas, a qualquer pessoa que entenda e/ou fale a língua de qualquer maneira. *Appointed* traduz-se por apontado; *bygones* por begônias; *jury* passa a ser jurado; e *parents* por parentes. A listagem de barbaridades ou “barbarismos” seria infundável. As conseqüências para a aprendizagem são de tal ordem que dispensam qualquer comentário, e as pessoas que identificam figuras de boa aparência ou vozes de boa sonoridade com instrução passam, de pronto, à imitação.

Quanto à linguagem chula ou vulgar ou aos exemplos negativos, comunicam-se valores, hábitos, atitudes, glorificam-se criminosos e se passa a segurança da impunidade. Não devemos nos surpreender com os resultados. Somemos a todas essas ponderações o exemplo de violência, força, o ridículo colocado nas instituições, e o panorama contracultural estará completo.

Nesse contexto entra, também, a intencionalidade destrutiva ética e/ou política. Estaremos, assim, lidando com a inversão ou subversão de valores que é, em última análise, a essência da contracultura. Leia-se, a esse respeito, o sempre atual livro de Orwell, *1984*, ou do mesmo autor, *A Revolução dos Bichos*.

Pelo que afirmamos até este momento caberá uma indagação.

É a contracultura inevitável?

Duas atitudes favorecem a penetração da contracultura: o conformismo exagerado e a idéia dos modismos.

O conformismo nos conduz a uma acomodação, a uma aceitação de padrões de forma acrítica. É a idéia de que o que traz a contracultura é mais forte do que nós. Seus padrões vieram para ficar e não adianta resistir.

A aceitação como modismo reflete a ânsia de ser moderno, de ver tudo o que integrava a nossa cultura como obsoleto e, portanto, a ser abandonado. Ou, muitas vezes, a força do novo se impõe.

Como exemplo corriqueiro, mencione-se as festividades do *Halloween*⁵ que, nos últimos anos, tomaram

praticamente o lugar das nossas autênticas e tradicionais festas juninas. Lembremos um exemplo histórico mais radical. A tradição nos conta do rei merovíngio Clóvis, que se converteu ao cristianismo após um sonho e uma visão em que lhe aparecia uma diretriz: *Queima o que adoraste e adora o que queimaste*, referindo-se aos ídolos pagãos e à religião cristã. Não cabe a nós julgar o valor da conversão de Clovis, mas, tão somente registrar a força da contracultura que o impeliu.

Por outro lado, resistir aos modismos ou refutar a contracultura não significa o aferrar-se ao antigo ou superado, mas aplicar, tanto ao novo quanto ao antigo, nosso discernimento.

Voltando nosso pensamento aos exemplos dos imigrantes, podemos ter situações extremas como o encarar a contracultura como um monstro aterrador pronto a nos devorar e, portanto, aferrarmos-nos à tradição ou vê-la como uma hipercultura perfeita e absorvê-la.

Caso reste alguma dúvida a respeito dessas reações, basta ler os jornais ou atentar para os noticiários em que estão diariamente registrados os atos de violência e guerra motivados pelo radicalismo cultural a favor ou contra valores trazidos de fora ou subvertidos internamente.

Caberia, então, acrescentarmos uma função àquelas que mencionamos: formar, informar e reformar. Acrescentaríamos o deformar. Esta última seria um resultado de verdadeira guerrilha. Como se opor a ela?

Será a educação uma arma contra a guerrilha cultural?

A resposta a essa pergunta não é simples nem pode ser imediata. Vejamos, novamente, os aspectos formal e não-formal da educação. Acordamos em que a educação não-formal tem um arsenal bem mais poderoso em termos de tecnologia da comunicação do que a formal. A primeira não tem, também (embora erroneamente), a responsabilidade social da segunda. Esta última é lançada visando uma eficácia imediata, no sentido de atingir seus objetivos específicos, sejam eles venda de

produtos, conquista de votos, aliciamento, ação política ou similares. A resposta a nossa pergunta inicial deveria ser buscada no reconhecimento do potencial da educação não-formal.

Lembremos o antigo e popular dito de Torricelli⁶: *A Natureza tem horror ao vácuo*. Se a sociedade deixa um “vazio axiológico” entre a escola e a educação não-formal, este será imediatamente ocupado pela contracultura.

Em que sentido, ou em que medida então, a educação seria uma arma antiguerilha contracultural?

Não ignoremos o fato de que estamos vivendo uma era de globalização, ou, se quisermos, uma era planetária. Edgar Morin nos chama a atenção para esse fato dizendo: *O principal objetivo da educação na era planetária é o educar para o despertar de uma sociedade-mundo*.⁷

O mesmo autor assinala que o termo sociedade “planetarizada” seria melhor do que globalizada no sentido de que não se pode ignorar um sentido planetário ou cosmopolita que envolve o homem hoje. Isso significaria a perda ou o esmaecimento das tradições nacionais ou, mesmo, culturais de um modo geral?

Os autores que têm examinado o problema da cultura e da contracultura preocupam-se sobremaneira com o papel reservado à educação e a seus atores sociais, principalmente o educador.

O educador, como integrante de uma sociedade, age dentro de um contexto axiológico-cultural que vivencia. Até que ponto será ele um agente da renovação sem ser englobado pela contracultura?

Dentre os autores que procuram avaliar o papel social do educador, um dos mais atuais e interessantes é o italiano Roberto Vacca, que, em seu livro, *A Idade Média*

Próxima Vindoura,⁸ propõe para os professores, acadêmicos, intelectuais de um modo geral o curioso papel de “zeladores” da cultura. É um papel análogo ou semelhante ao desempenhado pelos monges das bibliotecas monásticas na Idade Média, mas não o de meros copistas. Cabe-lhes um papel de “corretores” dos grandes sistemas, entre os quais se inclui a educação, não pela simples mudança de um ou outro elemento, mas pela interação do sistema com os subsistemas menores. Desse modo, pensar que a educação será eficaz alterando currículos ou programas, introduzindo uma ou outra disciplina ou o uso de computadores não corrige o sistema nem impede sua deterioração. Cabe aos intelectuais a tarefa de identificar distorções e investigá-las. Tal abrangência os campos da Administração, da Economia, da Política, da Antropologia, entre outros. Seriam, assim, conservadores e renovadores, nunca se distanciando de sua atividade de pesquisa e descoberta, a fim de corrigir os desvios do sistema, incorporando o novo funcionalmente.

A proposta seria, num mundo globalizado ou planetário, a educação formar um homem dentro de um contexto antropológico-existencial.

A visão antropológica responderia pela formação do homem dentro da cultura de seu grupo social, e a existencial daria ao homem a consciência de seu EU com o necessário discernimento para as escolhas.

Cultura e contracultura são, portanto, opções autênticas ou não, dependendo exclusivamente de nós.

Nelly Aleotti Maia é Professora titular da UFRJ e Vice-Presidente do International Council on Education for Teaching.

Notas

¹ DE TOCQUEVILLE, A. *Democracy in America* Paris, Larousse, 1832.

² MOLNAR, Thomas “The Decline of Intellectuals” in Charles, A. Tesconi and Van Cleve, Morris *The Anti-Man Culture*. University of Illinois Press, 1971.

³ ELLUL, Jacques “The technological Society”. in Charles, A. Tesconi and Van Cleve Morris *The Anti-Man Culture*, University of Illinois Press, 1971.

⁴ Veja-se de ILLICH, Ivan. *Tools for Conviviality*, Harper and Row Publishers 1976.

⁵ Festa norte-americana realizada em 31 de outubro, coincidindo com a colheita da abóbora, em que crianças se fantasiam e pedem doces na vizinhança e, se não atendidas, desarrumam a casa.

⁶ Físico italiano do século XVII.

⁷ MORIN, Edgar, CIURANA, E. R. e MOTTA, R. D. *Educar en la Era Planetaria* ed. Gedisa, Barcelona, 2003 p.78, tradução nossa.

⁸ VACCA, R. *Medioevo Prossimo Venturo* ed. Mondadori, Milano, 1990.